

**José Riço Direitinho** nasceu em 1965, em Lisboa, onde se licenciou pelo Instituto Superior de Agronomia. Dedicou-se à escrita de ficção ainda na adolescência, publicando pequenas histórias em suplementos juvenis da imprensa portuguesa. Lançou o seu primeiro livro, a coletânea de contos *A Casa do Fim* em 1992, a que se seguiram os romances *Breviário das Más Inclinações* (1994) e *O Relógio do Cárcere* (1997). Depois de uma série de residências para escritores no estrangeiro publicou os livros de contos *Histórias com Cidades* (2001) e *Um Sorriso Inesperado* (2005). Em 2018, foi lançado o seu romance mais recente *O Escuro Que Te Ilumina*. Os livros de Direitinho são traduzidos para alemão, espanhol, holandês, italiano e árabe. Algumas das suas histórias podem igualmente ser lidas em inglês, francês, húngaro, romeno e coreano. Atualmente José Riço Direitinho escreve crítica literária para o jornal *Público* e colabora na revista *Ler*.

## MONÓLOGO COM ERVA-CIDREIRA

**José Riço Direitinho**

“...o amor é uma coisa rara, difícil de encontrar, e que só aparece a poucos, por acaso, uma vez por século, se tanto, como outros fenómenos igualmente inexplicáveis, aqueles de elevar-se alguém nos ares ou de um analfabeto citar Cícero em correto latim.”

Hélia Correia, *A Fenda Erótica*

Sei que ele vai chegar hoje. Não que alguém me tivesse dito, mas há quinze anos que espero este forte cheiro a erva-cidreira que agora se sente, depois da chuva. O mesmo cheiro que me entrou pelo nariz quando pela primeira vez ele chegou à vila e eu soube que era para casar comigo, mesmo antes de o ter visto ou de alguém me ter feito o retrato dele. Lembro-me como se tivesse sido ontem pelo meio da tarde: estava sentada no pátio a depenar as galinhas que a minha mãe tinha mergulhado na água a ferver; eram para a festa de anos da minha irmã, a festa onde ela iria anunciar a toda a gente o seu casamento. Eu estava já farta daquele cheiro a trampa e dos montes de enxúndia nojenta que têm todas as galinhas engordadas no campo. Tinha um vestido leve, de chita, já cheio de manchas do sangue que ainda pingava do pescoço de algumas, daquelas que se tinham aguentado vivas durante mais tempo, daquelas a que o meu pai por piedade ou por outro sentimento igualmente obscuro, não tinha cortado a goela toda ou não arrancara o pescoço de um só puxão, como fazia a todas as aves de caça que os cães lhe traziam ainda a estrebuchar. Tinha o vestido sujo de sangue e senti uma vergonha inexplicável

quando notei, no meio do cheiro a carne morta e a enxúndia de galinha, um leve aroma a erva-cidreira. Isto foi três horas antes de ele chegar. De modo que quando entrou pelo portão da quinta, de braço dado com a minha irmã mais velha, já eu tinha mudado de vestido, soltado os cabelos sobre os ombros e posto do perfume dela.

O homem com quem a minha irmã ia casar, e que ela tinha conhecido enquanto estudara na Universidade, entrou em nossa casa no primeiro dia do Verão de há quinze anos. Quando o vi na sala, à contraluz do velho candeeiro de talha dourada, percebi de novo que aquele cheiro a erva-cidreira tinha anunciado o meu casamento e não o dela. Ele ainda mal tinha reparado em mim, e eu tentava ficar sempre na sombra, nas costas dele, admirando-lhe o tom da voz e os modos delicados com que fazia todos os gestos.

Nessa primeira noite em que ele ficou em nossa casa puseram-lhe a mala e fizeram-lhe a cama no quarto ao fundo do corredor, o mais longe do da minha irmã, por uma questão de pudor. Mas o mais perto do meu, por uma questão de destino.

Eu tinha dezassete anos nesse verão, e de homens não sabia nada. Tinha visto alguns rapazes mais novos do que eu quando tomavam banho no rio. Ia com uma amiga espreitá-los algumas vezes, por entre as canas, enquanto se despiam, e esperávamos sempre até que saíssem de dentro de água para os vermos nus e molhados, deitados ao sol sobre a erva. De maneira que tudo o que se passou nessa tarde me provocou um desejo que eu nunca tinha sentido por ninguém. Todo o meu quarto e as minhas roupas cheiravam nessa noite a erva-cidreira. Mas era um cheiro que só eu sentia; ninguém, durante o serão de festa, se lhe havia referido.

Retirei-me para o meu quarto antes de todos saírem da sala e antes de brindarem com os cálices de cristal que tínhamos herdado da avó, e que só eram utilizados nas grandes ocasiões. Enchi a banheira de água tépida e emborquei nela um pouco de sais de banho que a minha irmã tinha levado para casa, quando regressou de vez da cidade onde estivera a estudar. Despi-me e olhei-me nos três espelhos do guarda-fato, de portas abertas de modo a que me pudesse ver de quase todos os lados. Poucas ou nenhuma vez olhara assim para mim. Tinha já o tamanho dos seios e o volume de nádegas que há alguns anos me levaram a invejar a beleza da minha irmã, quando uma manhã entrei de repente no seu quarto, irritada com o som estridente do rádio, e a encontrei nua, a dançar aos saltos por cima da cama e da cadeira, até que rompeu num riso cínico e me perguntou se eu não gostaria de ser igual a ela. Depois de ter tomado banho, enquanto procurava uma camisa de noite que a minha irmã me oferecera no Natal anterior, e que eu ainda não estreara, senti que o cheiro a erva-cidreira se tornava cada vez mais intenso. Encontrei e vesti a camisa, era quase transparente e eu não tinha mais nada por debaixo dela.

Essa foi a primeira das doze noites em que me levantei, depois de todos terem apagado a luz, e me fui enfiar na cama do homem que a minha irmã mais velha trouxera para a desposar. O mesmo homem que quando partiu, duas semanas depois, para ir buscar as coisas dele e regressar para o casamento, me puxou pelo braço, encostando-me à salamandra do corredor, e me disse: “Sei que voltarei para casar, mas contigo, soube disso quando olhei os teus olhos pela primeira vez.”

É esse homem que eu sei que vai chegar hoje, quinze anos depois. Foi por ele que eu arranjei esta casa junto ao rio, onde o espero hoje por causa deste cheiro a erva-cidreira que se pôs no ar logo depois de ter deixado de chover.